



Memórias de família: uma leitura das obras autobiográficas de Graciliano Ramos

Family memories: Reading Graciliano Ramos' autobiographical works

Patrícia Trindade Nakagome¹

Resumo: Discutimos neste artigo o modo como o escritor Graciliano Ramos representa sua própria família nas obras autobiográficas *Infância* e *Memórias do Cárcere*. De diferentes formas, o olhar do adulto e da criança reconhece que a família nem sempre exerce seu papel de proteger o sujeito face à sociedade. Essa poderosa instituição revela antes seu forte papel de limitar o indivíduo e envolvê-lo numa relação de troca material.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; memória; *Infância*; *Memórias do Cárcere*.

Abstract: In this paper, we aim to discuss how the writer Graciliano Ramos represents his own family in the autobiographical works *Infância* and *Memórias do Cárcere*. In different ways, the adult and the child look to the family recognizing that it not always plays the role of protecting the person against society. Actually, this powerful institution reveals its strong role of putting limits to the individual and involving him in a material exchange ratio.

Keywords: Graciliano Ramos; memory; *Infância*; *Memórias do Cárcere*

Introdução

Graciliano Ramos é um dos nomes mais importantes de nossa história literária, tendo escrito obras ficcionais que se tornaram emblemáticas de um movimento singular de (re)conhecimento da realidade nacional. Nessa linha, o autor seria o representante do que Bosi (1994, p. 392) identificou como “romances de tensão crítica”, opostos aos “romances de tensão mínima”, que teriam Jorge Amado como um dos principais expoentes. Mas não é apenas por sua obra ficcional que o escritor alagoano é conhecido. Como lembra Candido (1992), em importante ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos, o autor, por necessidade de passar da ficção à confissão, escreveu duas importantes narrativas memorialistas: *Infância* e *Memórias do Cárcere*. Os dois livros trazem uma reflexão profunda sobre momentos fundamentais na formação do indivíduo, em que, de maneiras diferentes, fica evidente a dolorida distância existente entre os desejos do sujeito e sua possibilidade de efetivação.

¹ É mestre e doutorada em Teoria Literária e Literatura Comparada na FFLCH/ USP. Atualmente realiza estágio de pesquisa na Freie Universität Berlin.

Em *Infância* acompanhamos o primeiro contato do menino com a morte, o autoritarismo, o poder e a violência. Esses temas retornam em *Memórias do Cárcere*, com novas facetas sendo compreendidas pelo olhar do adulto, na condição de sujeito privado de liberdade. Neste artigo, mostraremos como a família pode ampliar as tensões que o indivíduo reconhece na sua relação com o mundo. Para isso, faremos uma análise detida do texto de Graciliano, apontando seu incômodo, enquanto menino e adulto, de se ver envolvido em relações materiais, de troca, que em muito extrapolam os vínculos de afeto que unem pessoas pertencentes a um mesmo grupo familiar.

Família para o menino e para o adulto Graciliano Ramos

Para o menino Graciliano de *Infância*, o pai era um representante do capital, que se relacionava com seu filho em torno dessa lógica de troca: ele incentivava os estudos da criança porque desejava exibi-la como uma mercadoria valiosa, da qual pudesse posteriormente extrair algum lucro. Mas a criança é um investimento de retorno menos garantido que seus negócios, o que explica o fato de o pai só participar da sua educação quando não está envolvido com o trabalho:

Com certeza o negociante recebera alguma dívida perdida: no meio do capítulo pôs-se a conversar comigo, perguntado-me se eu estava compreendendo o que lia. Explicou-me que se tratava de uma história, um romance, exigiu atenção e resumiu a parte já lida. [...] Na terceira noite fui buscar o livro espontaneamente, mas o velho estava sombrio e silencioso. E no dia seguinte, quando me preparei para moer a narrativa, afastou-me com um gesto, carrancudo. Nunca experimentei decepção tão grande. Era como se tivesse descoberto uma coisa muito preciosa e de repente a maravilha se quebrasse. E o homem que a reduziu a cacos, depois de me haver ajudado a encontrá-la, não imaginou a minha desgraça. (RAMOS, 1995, p. 188-189)

O pai é um personagem de pouca participação no livro, geralmente visto em seus afazeres profissionais e não no núcleo familiar. Surpreende o menino que o seu pai fale com ele, em uma aparente humanização repentina. O menino nota que a mudança de atitude está relacionada ao homem em seu papel de “negociante”, não de pai, o que nos

permite inferir que ele não humanizava seu filho, mas o reificava². O negociante decide dar um pouco de atenção ao menino para ver se ele melhorava sua produtividade, já que até aquele momento não tinha tido sucesso com a leitura. Mas a formação de uma criança é muito complexa e exige bastante tempo, algo que o homem não poderia dispor quando tivesse problemas com outros objetos que lhe preocupavam mais. Nessas circunstâncias, o filho é novamente deixado de lado, em situação pior que a anterior, pois agora havia descoberto algo que o interessava muito. Ele viu lampejos de um mundo diferente, que, de repente, foi tampado por quem o havia revelado. Interiorizando a postura de negação de seu pai, o garoto conclui que não teria direito ao prazer da fantasia e estaria condenado à circularidade de sua vida solitária.

O garoto não tem consciência da luta de classes, algo que será desenvolvido ao longo de *Infância*, mas ele nota a estreita relação de seu pai com o poder e o dinheiro, pois mesmo sem entender qual o papel que ele desempenhava fora do meio familiar, sempre o viu agindo como um patrão³. O espanto do garoto pelo abatimento paterno, que interrompia a leitura conjunta, explica-se porque para ele, mesmo como pai, aquele homem se portava como um proprietário, dando-lhe tarefas para cumprir na loja ou exigindo resultados de “produtividade” (a cobrança da leitura, por exemplo).

Como era comum na estrutura familiar tradicional, o pai era responsável pelo provimento financeiro da família, e a mãe permanecia em casa para zelar pelos filhos e fazer o trabalho doméstico. Entretanto, apesar de ser presença constante no lar, a mãe é ainda menos presente que o pai na narrativa do menino. Ela está no espaço físico, mas deixa poucas marcas na formação do mundo subjetivo de seu filho. Por vezes, sabemos que ela lê um livro, ouve canções e prepara a comida, mas raramente podemos vê-la dando suas opiniões, as quais, quando apresentadas, são questionadas pelo menino, que revela a fragilidade de seus posicionamentos pouco refletidos, mera reprodução do discurso de outrem. Suas convicções, por exemplo, quanto ao fim do mundo ou à existência do inferno, são desmanteladas diante das perguntas do menino, que com sua curiosidade, coloca em xeque a lógica e a veracidade de algumas proposições. A mãe não consegue responder discursivamente, mas impõe o silêncio através de castigos.

² O menino não era visto como uma simples mercadoria, era uma mercadoria da qual se esperava um alto valor porque seu “fabricante” era o próprio pai, o agente da reificação: “Provavelmente ele desejava enganar-se e enganar os outros. ‘Estão vendo esta maravilha? Produto meu.’ Desdenhava a maravilha, decerto, apresentava objeto falsificado, mas negociante não tem os escrúpulos das pessoas comuns. Tanto elogiara as mercadorias chinfrins expostas na prateleira que sem dificuldade esquecia as minhas falhas evidentes e me transformava numa espécie de fechadura garantida, com boas molas.” (RAMOS, 1995, p. 102-3)

³ “Eu era ainda muito novo para compreender que a fazenda lhe pertencia. [...] Meu pai era terrivelmente poderoso, e essencialmente poderoso. Não me ocorria que o poder estivesse fora dele, de repente o abandonasse, deixando-o fraco e normal, um gibão roto sobre a camisa curta.” (RAMOS, 1995, p. 26)

A lógica familiar cria leis convenientes aos seus interesses e limita as descobertas do menino, que demandam criatividade, o questionamento, a dúvida⁴: elementos que contrariam a relação de produção e reprodução existente no núcleo familiar. Enredado nessa situação, o menino fica destituído da possibilidade de ação e aceita a sua condição de inferioridade na família:

Minha mãe tinha a franqueza de manifestar-me viva antipatia. Dava-me dois apelidos: bezerro-encourado e cabra-cega.[...]

Eu aparentava pendurar nos ombros um casaco alheio. Bezerro-encourado. Mas não me fazia tolerar. Essa injúria revelou muito cedo a minha condição na família: comparado ao bicho infeliz, considerei-me um pupilo enfadonho, aceito a custo. Zanguiei-me, permanecendo exteriormente calmo, depois serenei. Ninguém tinha culpa do meu desalinho, daqueles modos horríveis de cambembe. Censurando-me a inferioridade, talvez quisessem corrigir-me. (RAMOS, 1995, p. 129-130)

O bezerro-encourado é um órfão que carrega o couro (“casaco alheio”) de uma cria morta para ser alimentado por sua família. O apelido dado a Graciliano revela, portanto, que a mãe aceita o menino e cuida dele, mas não o reconhece totalmente como seu filho, o produto esperado de sua relação com o marido. O seu casamento produzira uma criança desajeitada, enquanto uma relação anterior do marido havia dado vida à Mocinha, uma bela filha bastarda. Assim, ao criticar a aparência do filho e associá-lo a um animal rejeitado, ela deixa implícita uma crítica a si mesma, a uma suposta inferioridade que não lhe permitiu gerar uma criança mais bela e inteligente.

Através da injúria, o garoto percebe seu lugar na família e julga-se merecedor da condição de inferioridade. Ele assume a culpa por ser como é, mas mesmo assim, não consegue ter certeza do intuito das ações de sua mãe, pois apenas talvez ela quisesse corrigi-lo. A vivência com os pais, repleta de punições e poucas explicações, faz com que ele se retraia, considerando-se individualmente fraco. O meio familiar, ao contrário de proteger da luz pública⁵, parece torná-la ainda mais intensa, pois é na sua casa que ele recebe as maiores críticas:

⁴ Afirma Garbuglio: “A curiosidade infantil, o anseio das descobertas não entram em consideração. Pelo contrário, como incomodam e abalam certezas, tirando a segurança do adulto, é necessário evitá-los ou, o que é mais freqüente, escondê-los.” (1987, p.367)

⁵ A esse respeito, indica Arendt: “Por precisar ser protegida do mundo, o lugar tradicional da criança é a família, cujos membros adultos diariamente retornam do mundo exterior e se recolhem à segurança da vida

O *Dilúculo* também morreu logo. Distanciei-me da crítica. E não me entendi com o público, muito incerto. No colégio, na Escola Pedro Silva, na Instrutora Viçosense, toleravam-me. Em casa, sem exame, detestavam as minhas novas ocupações. (RAMOS, 1995, p. 230)

O *Dilúculo* tratava-se de um periódico do qual Graciliano, juntamente com seu primo Cícero, era diretor. Foi ali que ele publicou algumas narrativas, que não foram enaltecidas pelo público, mas que foram detestadas pela família, que nem sequer as examinou. Ao lado da punição, a indiferença também dá a tônica dessa relação familiar. Durante a infância, o menino resigna-se a esse tratamento, embora ao longo do livro consiga, especialmente através da literatura, mostrar uma superação desse posicionamento familiar que mina as tentativas de fortalecimento do sujeito.

É precisamente através da literatura, não no tempo da narrativa, mas no da escrita, que o garoto mostra, em relação aos pais, que ele também pode tratá-los com certa indiferença: os pais não são nomeados no livro, em uma espécie de devolução literária da desumanização que eles infringiram ao garoto e a outros viventes que se encontravam em posição social ou familiar inferior. Por certo, a ausência de nomeação está também ligada ao modo de tratamento familiar, pois em geral dirige-se aos pais apenas através da denominação da relação de parentesco. Mas isso não justifica o apagamento dos nomes na escrita, pois os professores, por exemplo, poderiam ser tratados apenas por suas funções, mas quando têm importância em sua vida, são nominalmente apresentados. A ausência de nomeação dos pais parece indicar que, sob o ponto de vista do garoto, eles são individualmente menos destacados que, por exemplo, os empregados da fazenda - todos nomeados. O apagamento individual reforça a forte marca institucional que os envolve - pais para o menino, patrões para os empregados - mostrando que a representação é mais relevante que a essência deles.

Na convivência com pessoas distantes, o menino pode sentir-se um deslocado em sua própria casa, o que não ocorre apenas com ele, tanto que diz sobre Mocinha: “Era como estranha, hóspede permanente” (RAMOS, 1995, p. 150). No caso dele, era também um estranho, pois seus pais pouco o conheciam, mas a condição de filho legítimo permitia que não se sentisse hóspede em tempo integral, tanto que em alguns momentos, recebia carinho e apoio de sua família. É interessante que vejamos a postura dos pais para tratar

privada entre quatro paredes. Essas quatro paredes, entre as quais a vida familiar privada das pessoas é vivida, constitui um escudo contra o mundo e, sobretudo, contra o aspecto público do mundo. Elas encerram um lugar seguro, sem o que nenhuma coisa viva pode medrar.” (2000, p.235-6)

os hóspedes reais, pois ela é ilustrativa do comportamento deles dentro da estrutura familiar:

Naquele tempo os hóspedes fervilhavam em nossa casa[...]. Sujeitos desconhecidos entravam, incerimoniosos, como se tivéssemos a obrigação de recebê-los, ficavam dois, três dias, embarcavam de madrugada, sem agradecimentos, à socapa.

Minha mãe se arreliaava, prometia uma desfeita àquela súcia de parasitas. Mas baixava a pancada, engolia a indignação, ia lacrimejar na fumaça da cozinha, à beira do fogo, rosnar o desgosto à criada e aos moleques.

Meu pai afetava paciência magnânima, não isenta de interesse. Calculista, é possível que enxergasse na hospitalidade matuta um emprego de capital. (RAMOS, 1995, p. 231)

Pai e mãe tinham posturas bem diferentes em relação aos hóspedes: embora os dois não gostassem da presença estranha na casa, aquele se demonstrava agradável por interesses financeiros, e esta apenas os tolerava, com uma fúria contida. O pai reifica as pessoas e demonstra a necessidade de ser paciente com o capital, sempre oscilante, e a mãe os aceita por entender as motivações do marido e saber-se também sujeita à necessidade do dinheiro.

A postura demonstrada com os hóspedes é representativa do comportamento familiar: o pai está ligado à produção, sempre preocupado em garantir o aumento do capital; a mãe tem uma função reprodutiva, que traz para dentro do lar o valor que o marido atribui ao capital, o que explica por que, apesar de ela estar em casa, não consegue criar relações entre as pessoas – o capital estabelece lugares sociais, não aproxima pessoas. Com respeito ao filho, o lado produtivo demonstra preocupação quando o reifica, considerando que ele possa dar alguma forma de retorno concreto, já o lado reprodutivo lhe é indiferente, por não acreditar profundamente na possibilidade de haver algum retorno. Por isso, assim como acontece com os hóspedes, a mãe guarda em si uma amargura pelo desenvolvimento do filho, pois não enxerga a chance de ele deixar de ser um bezerro-encourado e de produzir um retorno financeiro. A postura materna é mais indiferente, pois ela apenas reproduz a expectativa paterna em relação ao filho, não acredita nela efetivamente.

É por essa razão que afirmamos anteriormente que a criança cresce em um meio de produção e reprodução, no qual não poderia desenvolver-se de fato: não tem apoio para agir em sentido contrário ao da produção de capital (como em sua atividade literária) e não encontra espaço na família para construir um conhecimento próprio, pois a mãe o pune, por exemplo, quando ele se opõe à sua definição de inferno. Esse episódio encontra paralelo na obra ficcional de Graciliano, em que a curiosidade infantil é limitada com um coque, o que segundo Garbuglio, revela a reprodução do autoritarismo no meio familiar:

Ao proceder assim, sinhá Vitória responde, ela também, aos estímulos acumulados, pelos quais condicionou e modelou suas reações, obediente à prática em que crescera. Mais que um desafio, a pergunta 'insolente' é uma alteração do estabelecido, que invade seu universo desacostumado a dar respostas e provoca a reação intempestiva. Reproduzindo o comportamento adquirido, o gesto copia os atos ordinários do meio e ajuda a manter assim aquele distanciamento, que se sustenta e prolonga sem despertar a consciência do fato. (GARBUGLIO, 1987, p. 368-9)

Podemos pensar que o pai e a mãe de *Infância*, sob a perspectiva do menino, apresentam boa parte da opressão social, que encontramos, por exemplo, em *Vidas Secas* (2002). É como se, sob o ponto de vista infantil, o núcleo familiar contivesse o conflito do romance: o pai representa o poder e a força do Soldado amarelo, e a mãe configura a aceitação amargurada de sinhá Vitória, que se sabe incapaz de ser produtor. Essas duas tensões são causadas por pessoas próximas ao menino, deixando-o em situação mais complexa que a dos personagens ficcionais, que podem voltar seus sentimentos contra figuras distanciadas. O elo familiar impossibilita que o menino faça distinções maniqueístas das pessoas, pois ainda que predominasse a impaciência, por vezes, ele era alvo de carinho.

A pertença a uma família faz com que o menino aprenda a lidar com normas que o precedem, de modo que a ação de seus pais é, em geral, encarada com naturalidade. Enquanto o menino de *Infância* se forma em sua família, o homem de *Memórias do Cárcere* é formador de uma, o que impõe significativas diferenças na relação com essa instituição.

As responsabilidades atribuídas à função de chefe da família fazem com que, a princípio, a prisão seja algo até desejado, pois permitiria o afastamento de algumas obrigações e, conseqüentemente, o tempo necessário para a escrita de um livro:

Naquele momento a ideia da prisão dava-me quase prazer: via ali um princípio de liberdade. Eximira-me do parecer do ofício, da estampilha, dos horríveis cumprimentos ao deputado e ao senador; iria escapar a outras maçadas, gotas espessas, amargas, corrosivas. Na verdade suponho que me revelei covarde e egoísta: várias crianças exigiam sustento, a minha obrigação era permanecer junto a elas, arranjar-lhes por qualquer meio o indispensável. Desculpava-me afirmando que isto se havia tornado impossível. [...] A cadeia era o único lugar que me proporcionaria o mínimo de tranquilidade necessária para corrigir o livro. (RAMOS, 1989, p. 45)

A limitação imposta pela prisão não parecia diferenciar-se daquela existente fora de suas grades; era antes uma concretização simbólica da ausência de liberdade. As grades que impedem a saída do sujeito também dificultam a entrada de seus problemas, permitindo que ele se centre em si mesmo, em suas necessidades. Ele deseja um afastamento do seu tempo presente e acredita que uma mudança no espaço não trará alterações profundas. Graciliano, no entanto, reconhece que sua satisfação momentânea revelava seu egoísmo, um exclusivismo impossível para quem já possuía obrigações sociais e principalmente familiares. O comentário do autor sobre sua prisão indica o quanto ele estava dividido em suas funções: “[...] a conjugação dessas miuçalhas mandava para as grades um pai de família, meio funcionário, meio literato” (RAMOS, 1989, p.50). Pela construção da frase, podemos notar que é na função de pai que Graciliano se afirma como um sujeito inteiro, que precisa fazer-se uno para garantir a manutenção de outros, da sua própria família.

O afastamento das obrigações, que pareceria permitir uma maior unidade do sujeito, dando-lhe o tempo de fazer o que desejava individualmente, acaba por desagregá-lo, pois ao impossibilitar que ele sustente a família, rompe o único papel em que ele é exigido por inteiro e que pode afirmar sua singularidade⁶. A limitação da prisão

⁶ A respeito da família, afirma Eclea Bosi: “De onde vem, ao grupo familiar, tal força de coesão? Em nenhum outro espaço social o lugar do indivíduo é tão fortemente destinado. Apesar dessa fixidez de destino nas relações de parentesco, não há lugar onde a personalidade tenha maior relevo. Se, como

revela-se, assim, mais severa por não permitir que o homem aja de acordo com as limitações que o formaram, nos papéis que assumiu ao longo da vida.

A principal limitação da prisão não é a física, mas a econômica, pois impede ações fundamentais do sujeito. O hospital frequentemente surge como elemento de comparação com a cadeia, pois também ali ele estava impossibilitado de mover-se e ser produtivo. Essas recordações do passado estão presentes em diversas partes do livro, ajudando-o a significar a situação vivida⁷. Enquanto o passado fortalece o sujeito para enfrentar a vida carcerária, mostrando que ele já superou um drama de certa forma semelhante, o presente, que se desenrola fora da cadeia, desestrutura a frágil estabilidade do preso, o que justifica seu desejo de afastar-se das notícias de sua família:

Perplexo, tomei o envelope. Era realmente para mim, rasguei-o, vi um cartão, a fotografia dos meus três filhos mais novos. Num assombro, olhei as figurinhas distanciadas por tantos sucessos imprevistos; devo ter ficado minutos sem nada entender, suspenso. [...] Pouco mais ou menos me achei como um vidente de fantasmas. De que jeito me haviam chegado aquelas almas do outro mundo? [...] Surdo a esses rumores, alheio à presença dos companheiros de célula, perdia-me em reflexões inúteis, mirando o cartão de quinze centímetros. Não me ocorreu observar-lhe o dorso: foi por acaso que o virei. Distingui dez ou doze linhas a lápis, uma data, uma assinatura – e explodiu a cólera bestial:

- Que diabo vem fazer no Rio essa criatura?

Era uma quinta-feira, princípio de maio: algumas letras e algarismo me trouxeram de relance a noção de tempo esquecido. Minha mulher chegara e prometia visitar-me na segunda-feira, entre dez e onze horas.

- Que estupidez!

E dela me chegariam decerto preocupações insolúveis, novas cargas de embaraços. Alarmava-me sobretudo o esgotamento dos recursos guardados no porta-níqueis. [...] Dois meses de cadeia. Sem a última linha escrita no verso da fotografia, esse tempo,

dizem, a comunidade diferencia o indivíduo, nenhuma comunidade consegue como a família valorizar tanto a diferença de pessoa a pessoa.” (BOSI, 1999, p. 425)

⁷ Como exemplo, vejamos essa passagem: “Talvez me achasse de novo no hospital, com o ventre rasgado, a queimar de febre. Talvez me visse num manicômio, a criar fantasmas. A incerteza pouco a pouco esmoreceu – convenci-me de que estava doído.” (RAMOS, 1989, p.132)

decorrido em ambientes diversos, numerosos imprevistos a cortá-lo, parecer-me-ia talvez mais longo. (RAMOS, 1989, p. 267-8)

A longa citação mostra o atordoamento de Graciliano em seu primeiro contato com a família após a prisão. A visão da foto não faz com que o pensamento afaste Graciliano da precária realidade da cadeia, mas antes que traga seus filhos para o interior das grades. Essa cena é representativa da responsabilidade familiar de Graciliano, que não consegue se distrair com a lembrança dos filhos, através, por exemplo, de boas recordações de momentos familiares, mas que apenas sente a tensão por estar afastado deles, sem poder garantir seu sustento. Inclusive é como “vidente de fantasmas” que ele se coloca diante da foto, o que indica não apenas sua capacidade de ver as figuras de forma bem estruturada, mas de enxergar além do que está manifesto na imagem, como se adivinhasse o futuro das crianças: elas são fantasmas, por poderem se fazer presentes dentro da cadeia, mas principalmente por trazerem em si a marca da morte, que, na mente do pai zeloso, poderia ocorrer caso ele não conseguisse protegê-las, alimentá-las, etc. O risco de morte é reforçado pela denominação “almas do outro mundo”: são pessoas vindas do além ou de um espaço (e de um tempo) ao qual o narrador não pertence mais. Nessa segunda possibilidade, essas almas viriam do passado, trazendo consigo o presente e o futuro, que tanto preocupam o autor.

É precisamente pela ligação temporal estabelecida através da família que Graciliano se opõe às visitas de sua mulher. Ao invés de oferecerem consolo, são portadoras de preocupações, tanto que ao pensar em sua esposa, ele repete: “Que estupidez”. Esse é tom predominante das visitas, apesar de, como o próprio autor admite, elas quebrarem a monotonia da cadeia e trazerem importantes informações sobre o exterior.

A família amplia tempo e espaço, algo que carece ao preso, e está na base da totalidade do sujeito. Mas essas características não a tornam desejada por Graciliano, tanto que a família só é mencionada quando se faz materialmente presente, o que indica o desejo do autor de viver aquela realidade como total. Se é no papel de pai que Graciliano encontra sua condição imutável, à qual ele se liga integralmente, é precisamente dela que ele se esforça para se desligar dentro da cadeia. Como a cadeia destitui a possibilidade de futuro, ela impõe a força de seu cotidiano, em que para sobreviver é necessário afastar as responsabilidades imediatas existentes fora dela.

Considerações finais

A família, que impõe a Graciliano uma incompleta condição de funcionário e escritor (decorrentes da necessidade de ter uma renda estável), torna-se elemento de desagregação dentro da cadeia, pois evidencia a incompletude do sujeito, impossibilitado de viver centrado na realidade carcerária. Há, em *Memórias do Cárcere*, um movimento oposto ao do menino de *Infância*, na qual a família o forma, apesar de suas ações contraditórias. A família lhe oferecia a certeza de pertença um grupo maior que sua individualidade, ao qual ele poderia se opor precisamente quando estivesse fortalecido enquanto sujeito. No momento em que o menino consegue apontar falhas na ação de seus pais, ele terá completado parte de sua formação, não sendo mais limitado às informações e opiniões familiares.

É fácil entender por que a família tem participação menor em *Memórias do Cárcere* que em *Infância*. Além evidentemente de ela não estar presente na maior parte das ações do livro, cujo próprio título indica a centralidade da prisão (e não do homem), o pouco esforço em retomá-la indica a tentativa de atingir uma unidade dentro da cadeia. Sua narrativa mostra que é possível manter a sobriedade da observação apesar do desmonte ocorrido. A vivência na cadeia exige que o encarcerado esvaziado seja priorizado em detrimento do seu “fantasma”, que segue em um tempo e espaço paralelos aos da cadeia. É a única alternativa restante para que o homem mantenha o mínimo de sua humanidade, ainda que com características bem diferentes daquelas que o definiam em liberdade.

Bibliografia

Arendt, H. **Crise na educação** In: ARENDT, H. **Entre passado e futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994

Bosi, E. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras: 1999.

CANDIDO, A.. **Ficção e confissão: Ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GARBUGLIO, J. C. **Graciliano Ramos: a tradição do isolamento** In: GARBUGLIO, J.C. et alii. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Ática, 1987

RAMOS, G.. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

_____ **Memórias do Cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

_____ **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2002.